
A (in)existência da cidade perdida Ratanabá: o campo científico presente em vídeos explicativos no YouTube¹

Danielly Bezerra SANTOS²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a condição do campo científico expresso em vídeos explicativos sobre a temática ‘Ratanabá’ publicados no mês de junho de 2022 na rede YouTube. Considerando o acervo dos cinco vídeos com maior número de visualizações na rede, o presente texto propõe uma reflexão sobre o uso de fontes científicas na abordagem dos produtores de conteúdo aqui observados, resgatando-se os conceitos teóricos de Pierre Bourdieu quanto às definições de Campo e Campo científico, e discutindo-se de que modo o Campo científico foi acionado, mobilizado ou ignorado neste quadro de produções. As análises apontaram para refutação da factualidade da cidade perdida em função da ausência de evidências científicas que corroborem com a suposta descoberta.

PALAVRAS-CHAVE: Campo científico; Pierre Bourdieu; Evidência científica; YouTube.

INTRODUÇÃO

A condição da pandemia de Covid-19 proporcionou, por um dos lados, um ambiente de disseminação de informações falsas, com caráter negacionista frente às determinações da ciência, e ainda a produção intencional de desinformação com usos políticos (OLIVEIRA, 2020). Por outro lado, em uma oposição diametral, o jornalismo de referência no Brasil se colocou como instância defensora das evidências científicas sobre o Coronavírus, dos consensos da comunidade científica internacional a respeito da doença e das pesquisas científicas produzidas na academia brasileira - a serem consideradas as contribuições das universidades e institutos de pesquisa nacionais.

Estabelecido que a mídia profissional brasileira adotou um perfil de cobertura pró-ciência desde a chegada do vírus no país (ALMEIDA, 2020), a vivência de cerca de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do PPGCOM UFPE e bolsista FACEPE, e-mail: daniellybdossantos@gmail.com

três anos de um quadro excepcional, tal como tem ocorrido com a pandemia, mostrou o potencial de promover mudanças não apenas conjunturais no modelo de produção de notícias ou concepção de pautas, considerando a aparente familiaridade sustentada na relação do jornalismo com seu público de consumo cotidiano. A inserção de fontes científicas, ao menos nas produções jornalísticas de alcance nacional à exemplo do Jornal Nacional (Rede Globo), podem produzir efeitos de contato com temáticas científicas e afetar a valoração desse tipo de fonte e orientação por parte do público.

Em paralelo ao trabalho jornalístico dos grandes veículos de imprensa, de alcance nacional, se colocam as demais iniciativas e produções de conteúdo autônomas, como os já acomodados canais na rede YouTube. A rede, além de hospedar as próprias produções veiculadas pelas grandes empresas do jornalismo, é espaço amplo para os diversos formatos de produção audiovisual, interessando nesta discussão os conteúdos informativos.

Em um movimento de relação com as pautas levantadas no âmbito do jornalismo profissional, e com os temas circulantes nas redes sociais, essas produções independentes podem se posicionar em concordância ou discordância com a narrativa estabelecida pelos grandes veículos, em virtude de sua autonomia sustentada na rede online. É em meio a esta liberdade que serão aqui pensados os usos e/ou refutações às fontes científicas neste espaço de produção independente.

Na esteira dessa retomada científica, de demarcação da *expertise* como fator de legitimidade, outras temáticas são abordadas, como o caso da existência ou não de uma cidade perdida no território da Amazônia chamada ‘Ratanabá’. A polêmica ocupou as discussões nas redes sociais no mês de junho de 2022 ao se tornarem conhecidas supostas imagens de uma espécie de expedição, comandada por um instituto de pesquisa, defendendo a existência de uma cidade subterrânea, desconhecida da população brasileira até então.

Este trabalho trará espaço para uma análise, a partir das fontes científicas, mencionadas ou não nos vídeos, observando-se os aspectos que se apresentam entre a produção de conteúdo e o caráter informativo que intentam. O campo científico, pensado especialmente sob o ponto de vista bourdieusiano, se relaciona e se manifesta de diversas formas nessas experiências.

A PRESENÇA DO CAMPO CIENTÍFICO

Para além da experiência da pandemia de Covid-19, em que desde o ano de 2020 as fontes e evidências científicas passaram a ocupar cada vez mais o noticiário cotidiano, o campo científico se coloca como recurso de constante acionamento na produção de conteúdos informativos, sobretudo na dimensão do jornalismo hegemônico no país. Neste sentido, o campo científico é claramente interpretado como estrutura de validação de informações frente ao grande público, constituindo um dos pólos da versão da notícia ou história em questão - representando ora o argumento a ser defendido, ora a ser confrontado.

Elaborar uma discussão sobre o campo científico remonta às contribuições determinantes do autor Pierre Bourdieu (1930-2002) sobre a formação de campos enquanto espaços sociológicos e, com igual importância, as particularidades que se impõem a tais campos quando consideradas os aspectos do exercício científico/acadêmico. Ao dedicar-se à definição da dimensão científica como quadro de valoração estruturada e estruturante da sociedade perante àquela posição (acadêmica), o sociólogo francês apontou para as nuances nas relações entre os diversos campos na vida comum como também as disputas entre os próprios ocupantes daquele grupo.

A linha do pensamento bourdieusiano sustenta um conjunto de conceitos que se complementam na compreensão da estrutura social. Desse modo, o ‘campo’ é pensado em relação direta com o que o autor denomina como ‘habitus’ e como ‘capital’, componentes que constituem a existência e o comportamento dos seres sociais. Na presente discussão, será focalizado apenas o conceito de campo a fim de que sejam explorados a presença e o acionamento deste nos materiais analisados.

Segundo Bourdieu, o campo estrutura o habitus na medida em que o habitus é a base da compreensão que os indivíduos têm de suas próprias vidas. Assim sendo, ambos os conceitos se vêm numa relação de condicionamento e construção cognitiva mútua, já que o habitus também acrescenta ao campo em sua constituição como mundo significativo (BOURDIEU & WACQUANT, 2005a apud GRENFELL, 2018, p. 77). Em alinhamento com a conceituação do habitus, a ideia de campo precisa ser desenvolvida conjuntamente, para compor o sentido bourdieusiano das relações sociais.

Sobre o entendimento de campo, Bourdieu afirma que analisar e compreender as interações entre os indivíduos suscita o olhar para o espaço social onde as relações

acontecem, e analisar esse espaço é não apenas localizar o objeto da investigação em questão, mas olhar para as práticas geradoras de conhecimento anterior sobre o objeto investigado. São os espaços sociais renomeados pelo autor para constituição de sua teoria.

O campo nunca é fixo e é possível recriar o seu percurso para entendê-lo (mantê-lo ou adaptá-lo). Nesse contexto, relações de troca e interdependência entre os campos são possíveis, quando do impacto que as práticas em determinado campo podem gerar na ocupação de um outro campo pelo mesmo agente. Os campos são múltiplos e os agentes podem ocupar posições em vários deles simultaneamente. O campo é composto por forças opostas (quiasmáticas), como um campo magnético, o que justifica sua condição hierarquizada, com instituições e agentes dominantes, dotados de poder. Apesar das forças atuantes, o autor enxerga a capacidade de reação dos indivíduos pertencentes, não estando assujeitados às condições preexistentes no campo de origem.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias. (BOURDIEU, 1997, p. 57)

Bourdieu elaborou em sua teoria o campo do poder (um mundo social) que é composto por diversos campos simultaneamente - campos maiores que se dividem em subcampos. Eles seguem uma lógica geral do campo mais amplo, mas têm sua própria lógica, onde os agentes podem mover-se do maior para o subcampo. Exemplo desse desenho é o campo da arte, enquanto amplo, que é dividido em microcampos ou subcampos, como a literatura, pintura, cinema entre os tantos outros.

Todo campo social é composto por 'distinção', lógicas de diferenciação que atuam fora e dentro do próprio campo. No caso do campo científico-acadêmico, os mecanismos de distinção se revelam quando da valoração entre o agrupamento das ciências exatas em detrimento das artes (enquanto campo de conhecimento). O campo científico é definido por Bourdieu como:

[...] sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado. (BOURDIEU, 1983a, p. 122-123, grifos do autor)

Ao reafirmar o campo como um espaço de disputas, entende-se o campo científico como composto por práticas *científicas* interessadas, ou seja, subordinadas à lógica de não-motivação por valorização de capital ou reconhecimento.

O campo científico abriga duas espécies de capital científico: o capital de autoridade (propriamente dita, enquanto pesquisador) e um capital de poder sobre o mundo científico (através das ocupações burocráticas, como cargos administrativos, reitorias ou ministérios) (BOURDIEU, 2001a, p. 82). Como afirma Bourdieu:

Um cientista é a materialização de um campo científico e a suas estruturas cognitivas são homólogas à estrutura do campo e, por isso, constantemente ajustadas às expectativas inscritas no campo. [...] Em suma, as normas só os condicionam porque eles se propõem a cumpri-las por um acto de conhecimento e reconhecimento *prático* que lhes confere eficácia. (BOURDIEU, 2001a, p. 62, grifo do autor)

Para além das disputas internas de posição e autoridade, íntimas da forma e ocupação das instituições de ensino e pesquisa (BOURDIEU, 2013), o espaço midiático se torna preenchido pelas possibilidades de troca em um relação de legitimidade mútua ou retroalimentada. Conferindo abertura à posição científica através do uso de fontes em conteúdos informativos, veículos garantem ou recebem uma espécie de autoridade epistêmica por associação; a visibilidade adquirida pelo campo científico é expandida para além dos limites espaciais acadêmicos chegando a uma diversidade de públicos, e o amparo das informações divulgadas com a ‘chancela científica’ tende a garantir maior confiabilidade.

Na esteira dessas relações descritas, entre jornalismo de referência e campo científico, segue também em aberto o espaço recebido pela ciência nas produções

independentes, não-hegemônicas e circulantes majoritariamente no ambiente *web*. A exemplo do telejornalismo de transmissão nacional, os vídeos liberados em canais da rede YouTube podem apresentar acionamentos semelhantes - a considerar o perfil do conteúdo que é produzido.

A mobilização do campo científico nas narrativa explicativas, seja no jornalismo profissional ou nas experiências no YouTube pode, de igual modo, se fazer presente tanto na abordagem de temas estritamente científicos (tais como a cobertura sobre a Covid-19) quanto na consideração de tema que não dependem necessariamente de um parecer advindo da *expertise*. Em ambos os casos, o destaque da representação científica conferido a pesquisadores, cientistas ou universidades é um elemento de nítida observação nos tempos correntes.

Eventualmente, temas de grande apelo e repercussão podem suscitar posicionamentos científicos precisos e a expectativa movimenta produtores de conteúdo na busca por este tipo de resposta. Sendo um desses acontecimentos, a divulgação de uma suposta descoberta arqueológica movimentou as redes sociais digitais (VIEIRA, 2022), em que brasileiros interessados na controvérsia se somaram a especialistas e divulgadores científicos, ambos os grupos comentando o assunto na internet.

RATANABÁ, A CIDADE PERDIDA

Idealizado pela Associação Dakila Pesquisas³, foi divulgado no início de junho de 2022 um estudo com o objetivo de comunicar a expedição no território da Amazônia cumprida por pesquisadores envolvidos, com sobrevôo para escaneamento da floresta a partir de uso de laser (tecnologia LiDAR, ferramenta de investigação utilizada na arqueologia) (BIERNATH, 2022). O núcleo da Dakila Pesquisas é definido como um *think tank* de ciência, tecnologia e inovações em que um grupo de cientistas é reunido com o objetivo de “investigar, catalogar e propagar conhecimento dele e de seus parceiros”. O idealizador declarado como cientista, Urandir Fernandes de Oliveira, responde pela motivação do agrupamento e pelos diversos estudos coordenados a partir de suas agendas internas. Os membros participantes, relatados como ‘centenas de milhares’ na aderência ao núcleo, não são mencionados nominalmente no site oficial.

³ Disponível em: <<https://www.dakilapesquisas.com.br/>>. Acesso em 07 ago 2022.

Fundado em 1999 no Mato Grosso do Sul, o Dakila Pesquisas integra o chamado ‘Ecosistema Dakila’⁴, uma holding empresarial envolvida em diversos segmentos do mercado, também ligada aos esforços do filantropo Urandir Oliveira - inspiração e líder dos trabalhos desenvolvidos nas diversas frentes do grupo. No site oficial, a descrição pública inicial relata que “Por meio de Ciência, Tecnologia e Inovações (CT&I) se promovem deliberações acadêmicas de altíssimo nível sobre um sem-número de temas. As iniciativas de Urandir estão abarcadas em áreas temáticas que vão da aeroespacial até a arqueologia.”. O patrono dessa associação, apesar de apontado no site oficial como cientista, não possui cadastro na plataforma Lattes, núcleo nacional, público e obrigatório de cadastro de pesquisadores brasileiros.

A suposta descoberta se refere a uma cidade antiga secreta até então chamada ‘Ratanabá’, que existiu há 450 milhões de anos, e estaria localizada na Amazônia, de forma subterrânea e ligada a diversos pontos do planeta Terra através de túneis. Precisamente, a cidade perdida é descrita como avançada para sua época, localizada entre os estados brasileiros do Amazonas e Pará, e considerada a ‘capital do mundo’ de sua época segundo os participantes do estudo.

A civilização ‘Muril’ é apontada nessas versões como a civilização que construiu a cidade de Ratanabá e foi ainda a primeira civilização a ocupar a Terra, tendo sua origem datada em 600 milhões de anos atrás. O mesmo grupo teria sido responsável pela criação de uma rota de passagem entre o atual estado de São Paulo, no Brasil, e a costa do Peru (no oeste da América do Sul).

Há ausência de provas ou registros que possam corroborar a versão da existência da cidade de Ratanabá, somada à inconsistência dos períodos históricos desse acontecimento diante das evidências científicas quanto à própria formação do planeta Terra e à origem da vida (animal e vegetal). As evidências já consolidadas pela ciência apontam a extinção dos dinossauros datada em 65 milhões de anos atrás, e a espécie humana tendo sua origem há apenas 200 mil anos.

A cidade perdida seria, segundo a Associação Dakila, a razão para o grande interesse internacional na região amazônica, onde estariam escondidos recursos naturais e registros da raça humana. No entanto, a versão apresentada pelo ‘estudo Dakila’ não está associada a outros experimentos ou estudos com respaldo científico, ou ainda a

⁴ Disponível em: <<https://www.dakila.com.br/>>. Acesso em 07 ago 2022.


demais institutos e pesquisadores da área, constituindo-se como um conjunto único de afirmações sem amparo da comunidade científica internacional e sem análise crítica do meio especializado.

Em meio a este cenário, a polêmica de Ratanabá despertou o interesse para ser tratada neste trabalho tendo o contexto de evidência científica como gancho. Para esta análise, foram coletados na rede YouTube os cinco principais vídeos⁵ que possuíam o tema ‘Ratanabá’ como seus títulos⁶. A escolha se deu segundo a ordem de visualizações (ordenada pela própria rede), tomando-se portanto os cinco mais visualizados, com transmissão na rede no mês de junho de 2022 e de perfil informativo com possíveis críticas ou comentários à questão. Os procedimentos metodológicos adotados nesta análise compreenderam o breve relato das fontes citadas nas produções, com perspectiva qualitativa, em que serão observadas a presença ou ausência de menções à categoria científica-acadêmica por parte dos produtores de conteúdo.

Ratanabá “vista” de perto

A organização das tabelas a seguir reúne os cinco vídeos escolhidos para esta análise, acompanhados de suas principais informações. Os conteúdos serão analisados, ainda, segundo seu posicionamento de concordância ou refutação à tese de existência de Ratanabá e da possível relação entre este posicionamento e as fontes acionadas.

Tabela 1: Dados agrupados do primeiro vídeo analisado nesta sequência

Vídeo 1: <i>Ratanabá, civilização antiga descoberta na Amazônia</i>	
	3.300.000 visualizações; 336 mil curtidas
	Duração: 59s Categoria: Shorts do YouTube
	Canal: Yago Stephano (selo de validade); 188 mil inscritos Descrição do canal: conteúdos voltados à biologia, que explora questões da atualidade com humor e de intenção informativa
	Fontes citadas: nenhuma Posicionamento: refutação Acesso Shorts: https://www.youtube.com/shorts/JnVOLXXnVCo


⁵ Coleta realizada precisamente em 05 de julho de 2022.

⁶ Uma particularidade em relação ao vídeo de posição original número cinco é a de que, por se tratar de uma live entre de cerca de 90 minutos e com a participação de um integrante da Associação Dakila, optou-se por dispensá-lo e recolher o vídeo seguinte, que inicialmente estava na posição seis. A escolha se justifica pela preferência do tipo de vídeo - informativo e com análise do caso.

Este vídeo, no formato ‘shorts’ do YouTube, se assemelha às produções na rede TikTok e apresenta comentários críticos a respeito dos dados elencados no vídeo de inspiração (vídeo que descreve e promove a descoberta da cidade perdida). Há o questionamento, por parte do youtuber, sobre a veracidade dos dados apresentados, mas sem o confronto com uso de evidências de pesquisa ou provas de outros cientistas sobre o caso.

O formato deste vídeo, de curta duração e de visualização ‘em looping’ favorece o número total de transmissões, mas não foi percebido um maior desenvolvimento da refutação sustentada pelo autor do vídeo. De postura humorística, o youtuber reage às falas sobre a existência de pirâmides na Amazônia e à formação dos continentes no planeta Terra gerada pelo ‘grande dilúvio’ bíblico. O vídeo se encerra sem o aprofundamento da questão de Ratanabá ou mesmo sobre a inconsistência dos argumentos.

Tabela 2: Dados agrupados do segundo vídeo analisado nesta sequência

Vídeo 2: RATANABÁ, A CIDADE PERDIDA DA AMAZÔNIA - Entenda o Caso	
	2.955.337 visualizações; 331 mil curtidas
	Duração: 10min50s
	Canal: Você Sabia? (validado); 43,1 milhões de inscritos Descrição do canal: conteúdos que exploram curiosidades, fatos interessantes e históricos, de intenção informativa
	Fontes citadas: filosofia de Platão; cientistas e divulgadores científicos (sem figuras ou instituições em particular);
	Posicionamento: refutação

<https://www.youtube.com/watch?v=IT9M-rlqSVw>

Neste vídeo, os dois apresentadores iniciam a conversa introduzindo a polêmica e explicando os dados relatados no ‘estudo Dakila’. Com a exibição de imagens relacionadas ao tema, a narrativa do vídeo estabelece um diálogo entre os dados conhecidos do novo estudo *versus* as evidências científicas já consolidadas sobre a formação do planeta, confrontando e demonstrando a ausência de correlação entre os dois conjuntos de informação. Ao final, os apresentadores concluem não haver evidências (científicas) para a versão ‘Dakila’ e definem a polêmica como mentira.


Ao longo do vídeo, são mencionados alguns atores representantes da ciência, tais como cientistas e pesquisadores de universidades brasileiras como contraposição aos dados da suposta descoberta, o que resulta numa linha de raciocínio que exhibe a falta de sustentação do estudo, levantando um fato que ‘não pode ser científico’.

Ao mesmo tempo em que a inexistência de pesquisas complementares, especialmente científicas, é destacada pelos apresentadores, é fixada a refutação científica geral a essa suposta descoberta de Ratanabá. O alerta para a ausência de comprovação científica nesse caso se soma aos comentários sobre a própria instituição (Dakila Pesquisas) e do líder responsável, tornado famoso no ano de 2010 com o caso do ‘E.T. Bilu’.

Apesar de não haver exibição de depoimentos, imagens ou conteúdo de cientistas no vídeo, os apresentadores dedicam um espaço importante na demarcação do reconhecimento científico como aspecto de chancela na interpretação dos supostos dados sobre Ratanabá; é sustentado como palavra final que “segundo a ciência, é apenas uma lenda da internet”.

Neste espaço, o campo científico se manifesta enquanto condição de legitimidade primordial e se faz essencial para aceitação do fato como crível - tanto em termos da inexistência de estudos recentes sobre o tema ‘Ratanabá’ quanto pelo vasto conjunto de evidências que são desconsideradas na suposta descoberta. Embora não esteja sob esse holofote alguma instituição de pesquisa ou cientista em particular, o agrupamento geral ‘ciência’ apareceu como determinante nessa negação de versão.

Tabela 3: Dados agrupados do terceiro vídeo analisado nesta sequência

Vídeo 3: <i>Ratanabá, a cidade perdida na Amazônia e o Caminho de Peabiru</i>	
	Visualizações não exibidas; 152 mil curtidas Duração: 12min55s
	Canal: Fatos Desconhecidos (validado); 19 milhões de inscritos Descrição do canal: conteúdos explicativos sobre fatos do mundo, com foco no conhecimento, e de intenção informativa
	Fontes citadas: nomes e fotos de pesquisadores (com suas especialidades); instituições nacionais; e demais dados científicos que pudessem se associar à versão original de existência de Ratanabá
	Posicionamento: pretensa imparcialidade

<https://www.youtube.com/watch?v=nr3DZwnj1ko>


O vídeo na página anterior apresenta as principais informações sobre o caso de Ratanabá - em especial, o ‘estudo Dakila’ e as intenções de investigação para a descoberta. Ao longo do vídeo, o apresentador expõe de modo não-depreciativo os dados reunidos pela equipe Dakila. A produção é composta por imagens divulgadas originalmente, com o complemento de outras imagens ilustrativas acrescentadas pela edição do próprio canal. Referindo-se aos idealizadores da descoberta como ‘historiadores e pesquisadores’, o apresentador comenta sobre as intenções da Dakila Pesquisas e o caráter engajado dos envolvidos nessa investigação.

A produção apresenta dados científicos para completar a interpretação das informações conhecidas até então sobre Ratanabá e constrói sua narrativa em uma direção avaliativa, colocando a questão como um mistério a ser desvendado a partir das investigações seguintes.

Ao longo do vídeo, nas inserções possíveis onde são mencionados alguns representantes da ciência (pesquisadores e universidade), se evidencia o perfil do canal, orientado à valorização da *expertise* e da informação sustentada por evidências. No entanto, o vídeo é concluído com uma sugestão de possível mistério/dúvida na definição desse caso como verídico ou não, ficando em aberto para a audiência se a existência de Ratanabá é ou não concebível. A partir da narrativa deste vídeo, o caso é apresentado como ‘uma versão da história’, possível tanto quanto outras versões defendidas.

Com uma tomada de posição pró-evidências, a narrativa do vídeo pareceu ser encaminhada para uma maior liberdade na discussão dessa questão arqueológica e um não-julgamento de valor para além da exposição do estudo. O campo científico, quando observado, cedeu espaço para a especulação da factualidade da cidade perdida.

Tabela 4: Dados agrupados do quarto vídeo analisado nesta sequência

Vídeo 4: RATANABÁ, A CIDADE PERDIDA	
	<p>Visualizações não exibidas; 149 mil curtidas Duração: 20min24s</p> <p>Canal: Rodrigo Silva Arqueologia (validado); 1,97 milhão de inscritos</p> <p>Descrição do canal: conteúdos religiosos, especificamente da Bíblia sagrada cristã, analisados sob o ponto de vista arqueológico, em uma interface entre o campo da arqueologia e da religião. Intenção informativa seguindo esta proposta</p>
<p>https://www.youtube.com/watch?v=u56H5QehX9E</p>	

Fontes citadas: pesquisadores de programas de pós-graduação da USP (formação de origem do apresentador) e referências no campo da arqueologia; pesquisadores conhecidos do seu círculo de estudos anteriores (citados nominalmente); trechos bíblicos

Posicionamento: refutação

Neste vídeo, apresentado pelo titular do canal, a existência de Ratanabá é abordada e discutida segundo as contradições entre os fatos arqueológicos já conhecidos e as supostas descobertas do grupo Dakila. O vídeo, que não possui o complemento de demais efeitos visuais, é concentrado na fala do idealizador que, segurando uma Bíblia cristã, elabora uma explicação sobre a questão de um ponto de vista inicialmente técnico.


O apresentador deste quarto vídeo possui doutorado em arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), o que representa parte dos recursos da refutação trazidos por ele (originados de sua experiência como cientista em formação, estudos conhecidos, colegas e professores pesquisadores da temática e demais instituições que respondem pela área da arqueologia). Comentando sobre a ferramenta tecnológica utilizada no ‘estudo Dakila’, o apresentador mencionou ainda pesquisadores/arqueólogos, estrangeiros e da USP, a respeito de evidências divergentes, que se contrapõem à Ratanabá em particular. Enquanto arqueólogo pós-graduado, lembrou as evidências científicas já consolidadas no campo acadêmico, de cidades e civilizações antigas, largamente conhecidas.

Em meio às explicações, criticou o sensacionalismo em torno da questão no momento da divulgação e teceu críticas particulares ao fundador do Ecosistema Dakila, Urandir Oliveira, também responsável pelo estudo (um nome relacionado, inclusive, a outras teorias divergentes do consenso científico, como a ‘terra côncava’). A partir do conjunto de explicações, nega a existência de Ratanabá e a possibilidade de verdade.

Um aspecto de destaque, quando desta apresentação, vem do fato de que apesar de ser doutor precisamente na área em questão, o youtuber passa a apoiar suas explicações também em trechos e personagens bíblicos, estabelecendo uma correlação de factualidade entre os acontecimentos históricos descritos pela biologia, geologia e mesmo a arqueologia, e os episódios descritos na Bíblia - a exemplo do dilúvio e a modificação da paisagem produzida por ele em última instância.

Embora o campo científico seja acionado nessa ‘contra-argumentação’ frente ao ‘estudo Dakila’, o aspecto religioso é prevalente nas explicações e no que se mostra como inspiração maior no trabalho desenvolvido pelo próprio canal. Sendo o ambiente científico-acadêmico um espaço de familiaridade e legitimidade garantidos a esse youtuber, é interessante observar a relação de sobreposição entre os dois campos distintos - o científico e o religioso - quando está em disputa um aspecto ou acontecimento sob o qual ambos têm versões a serem sustentadas. Neste exemplo em particular, embora incipiente, resta a interpretação de que preceitos de convicções religiosas podem se impor como última palavra, mesmo que já haja uma ligação estreita com um campo divergente. O campo científico será, ele mesmo, a dimensão epistêmica abstraída frente a outro campo de impacto mais profundo.

Tabela 5: Dados agrupados do quinto e último vídeo analisado nesta sequência

Vídeo 5: <i>O que os cientistas descobriram até agora sobre Ratanabá, a cidade escondida na Amazônia</i>	
	<p>Visualizações não exibidas; 86 mil curtidas Duração: 09min47s</p>
	<p>Canal: Fatos Desconhecidos (validado); 19 milhões de inscritos Descrição do canal: conteúdos explicativos sobre fatos do mundo (históricos ou da atualidade), com vistas à propagação de conhecimento, e de intenção informativa</p>
	<p>Fontes citadas: pesquisadores e instituições científicas; evidências técnicas de negação da tese sustentada no ‘estudo Dakila’</p>
<p>https://www.youtube.com/watch?v=pod04AoOnmY</p>	<p>Posicionamento: refutação</p>

No quinto e último exemplo analisado está uma segunda produção do canal ‘Fatos Desconhecidos’, publicada depois do primeiro vídeo sobre o assunto (neste estudo, listado na posição 3). Neste segundo vídeo, a abordagem foi transformada para uma posição mais crítica em relação às supostas descobertas. O apresentador passa a relatar a inexistência de provas científicas sobre alguns dos aspectos do caso Ratanabá, e levantar suspeitas sobre a inexistência dessa cidade.

Alguns aspectos particulares do campo científico são citados nesse segundo vídeo, como a ausência de cadastro dos pesquisadores do estudo em questão na plataforma acadêmica ‘Lattes’ e de demais textos ou estudos científicos produzidos a

esse respeito. Como sequência do primeiro vídeo, o segundo apresenta descrições atualizadas e informações complementares, com detalhamento das técnicas possíveis do estudo no tipo de investigação arqueológica.

Neste segundo momento, fica evidente uma refutação a partir das fontes e evidências científicas, relatando-se a ausência de vínculo com instituições científicas e pesquisadores conhecidos, e o destaque para a natureza da Dakila Pesquisas, que não é uma instituição científica consolidada. Este último ponto transpareceu uma orientação da produção do canal preocupada com os efeitos de seu apoio inicial à uma versão interpretativa da história, construída no vídeo anterior, e que não possuía respaldo científico. Por fim, o segundo vídeo pode ser entendido como uma espécie de retratação do vídeo anterior, mesmo que essa nuance não esteja explícita na segunda divulgação. A imposição de uma ausência de comprovação ou consenso científico para a causa pode ter impactado a narrativa para uma reconfiguração de seu posicionamento, por prioridade orientado aos fatos e à propagação do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão principal aqui abordada, a saber a mobilização de fontes científicas como garantidoras de legitimidade e autoridade para afirmação de fatos e acontecimentos, desperta o olhar sobre de que modo o campo científico ainda é garantidor de certezas em condições de questionamento de sua autoridade epistêmica, no tempo presente.

São ainda levantadas quais as relações entre as produções hegemônicas, do jornalismo de referência, e as replicações ou transições deste modelo associado dos campos jornalístico/noticioso e científico, sendo absorvidos por núcleos de produção de conteúdos informativos independentes ou possivelmente não-jornalísticos.

Outra questão em aberto colocaria o Youtube - especialmente em se tratando do perfil de produção de vídeos informativos - como uma extensão da televisão, com uma aproximação ao jornalismo de referência no uso de determinadas fontes para produção de material entendido pelo público como qualificado. As relações entre as novas formas de consumo de conteúdos informativos parecem não estar dissociadas de uma demanda por um conjunto qualificado de informações sustentadas pelo campo científico.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) - Brasil

This study was financed in part by the Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) - Brazil

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla da Silva. “‘Make science great again’? O impacto da Covid-19 na percepção pública da ciência”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia, 2020.

BIERNATH, André. **Ratanabá: arqueólogo explica por que lenda de 'cidade perdida na Amazônia' não faz sentido**. BBC News Brasil em Londres, 15 jun 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61803303>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a. p. 122-155.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001a.

BOURDIEU, Pierre. Homo academicus. Trad. Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

OLIVEIRA, Thaianne. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.03>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

VIEIRA, Laura. **Ratanabá: teoria infundada de cidade perdida na Amazônia viraliza**. O Povo online, Ceará, 12 jun 2022. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/curiosidades/2022/06/12/ratanaba-teoria-infundada-de-cidade-perdida-na-amazonia-viraliza.html>>. Acesso em: 19 jul. 2022.